

Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer)

ARMANDO SABROSA (†)¹ | FERNANDO ROBLES HENRIQUES² | EMANUEL CARVALHO³ | ADRIANO GERMANO⁴

➤ O desenvolvimento da fase de construção do sublanço da A10 compreendido entre Arruda dos Vinhos e o IC11 interceitou, no setor correspondente ao Km 3 + 940, uma estrutura camuflada pelo tempo e pelas transformações morfológicas da topografia. A erupção artificial de argilas queimadas e tijolos provocada pela profunda ação artificial da maquinaria e a consequente percepção e imediata identificação do arqueólogo responsável pelo acompanhamento integral da obra, Carlos Oliveira, motivaram a pronta interrupção do processo e a intervenção do anterior *Instituto Português de Arqueologia*. A posterior avaliação da ocorrência definiu, como medida de minimização, a realização de uma escavação integral de emergência desta estrutura.

O Forno Romano da Quinta da Granja localizava-se na Freguesia de Cachoeiras, Concelho de Vila Franca de Xira (Fig. 1). O sítio em questão vinha sendo alvo de referências desde a década de sessenta do século XX. A estrutura de combustão integrava-se em terrenos pertencentes a um antigo complexo agrícola, denominado *Quinta da Granja*, na altura aparentemente abandonado ou em fase de moderação de atividade. Era utilizado, de forma parcial, como estaleiro de obra. Estava implantado, primitivamente, na base de uma encosta pronunciada, sobranceira ao *Rio Grande da Pipa*, entretanto eliminada do relevo pelo avanço viário. Os trabalhos em curso na zona envolvente, responsáveis pela sua identificação, provocaram a destruição parcial da parede Oeste da câmara de cozedura. (FIG.1)

A área intervencionada integra um extenso maciço datado do Jurássico Superior e constituído por distintas camadas litológicas. Estas foram depositadas na apelidada Bacia Lusitânica durante a fase de rift que culminou com a abertura do Atlântico Norte. No caso particular do território específico, encontra-se implantada nas denominadas Camadas de Abadia, identificadas na cartografia geológica com as siglas J^{3c} (Carta Geológica n.º 30-D Alenquer – escala 1:50.000, produzida pela Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos Portugueses). As camadas de abadia foram descritas por Paul Choffat como sendo camadas constituídas por argilas e margas cinzentas ou azuladas, tornando-se amarelas por alteração.

O extenso maciço acima referido encontra-se confinado, de Este a Sul, pela planície de inundação do Rio Tejo. Culmina a Norte com a imponente unidade estrutural denominada Serra de Montejunto e, por último, contacta a Oeste com o Diapiro de Matacães e com a Bacia de afundamento de Runa. Para além dos afloramentos de génese sedimentar existentes por todo o maciço são ainda frequentes as intrusões vulcânicas, sob a forma de filões e chaminés.

Os trabalhos decorreram em maio de 2005. Em campo, distinguia-se um evidente e amorfo aglomerado de tijolos, em concomitância com sedimento que revelava continuada sujeição a elevadas temperaturas e margas de revolvimento provocada pela ação da maquinaria pesada. A análise sumária da situação resultou no apuramento de fortes indicações de presença de uma estrutura de combustão, conduzindo, inclusivamente, ao levantamento de hipóteses que consideravam a preexistência de um forno no local.

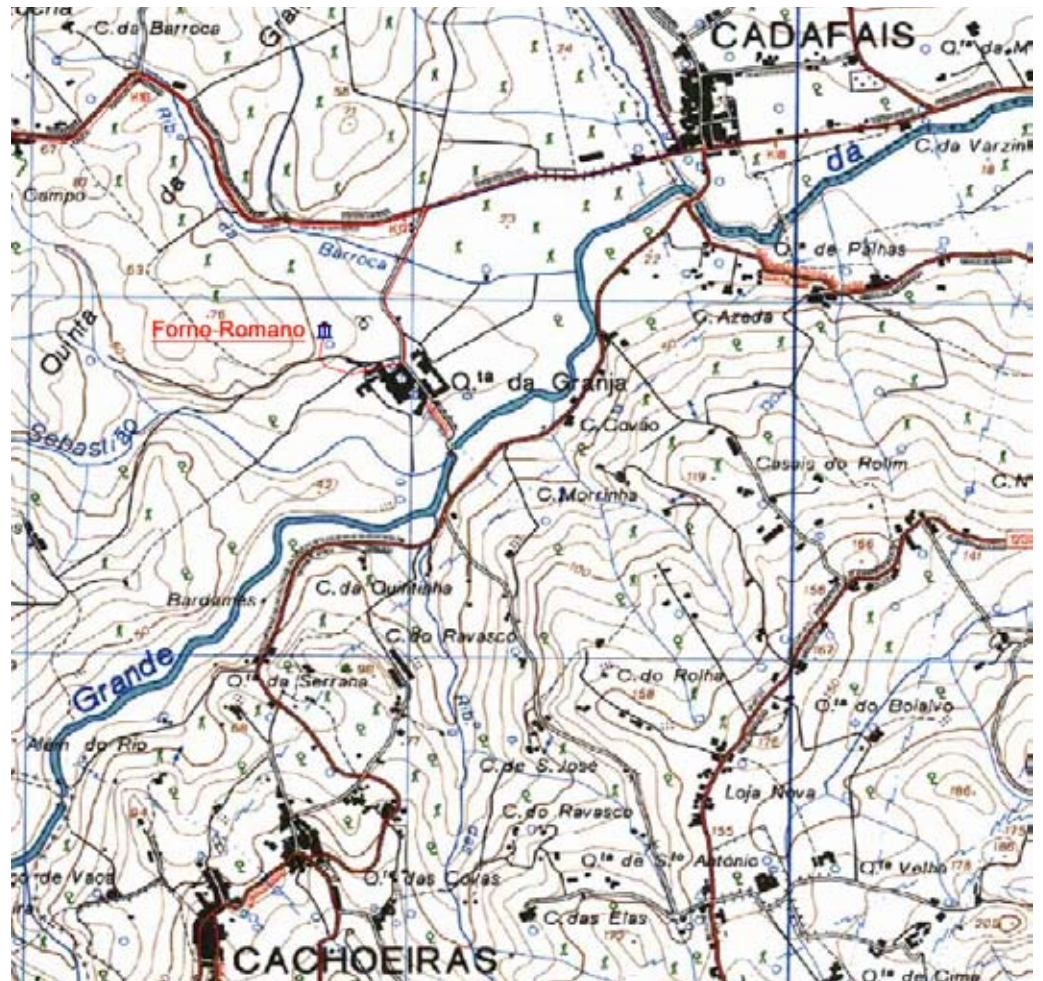


Figura 1
Localização do Forno
da Quinta da Granja.

Tornara-se facilmente perceptível a descaracterização da paisagem envolvente, alterada no decorrer do avanço da obra. O corte efetuado no terreno destruiu parcialmente a construção, originando um talude de inclinação razoável que, apesar de tudo, permitia compreender coerentemente a implantação da estrutura. Optou-se pela marcação de uma área de sondagem com 49 m² (7m x 7m metros), aproveitando o declive artificial. No decurso dos trabalhos, foi necessário alargar a sondagem a um total final de 74 m². A progressiva variação de dimensão foi sendo decidida ao longo da intervenção, atendendo às necessidades estratégicas do momento e ao próprio desenvolvimento planimétrico e arquitetural da construção.

Após extração total do primeiro nível de sedimentação ao longo do setor arqueológico, orientaram-se os esforços para o perímetro mais circunscrito pela influência direta do forno, procurando-se delimitar objetivamente a mancha de tijolos e argila queimada, embora fosse impossível de determinar, ainda que minimamente, a extensão da ocorrência e dos danos praticados.

No interior da câmara de cozedura, uma amálgama de terra queimada e elementos de construção constituía derrube em hipotética organização. A queda interna dos materiais revelava tijolos e lajes de cerâmica em posição quase vertical e, pormenor que se manteria até à conclusão, escasso espólio. Nas raras ocasiões em que foi possível a recolha de material, este era proveniente de contextos confusos e/ou de mistura. As manchas de sobreaquecimento acompanharam, sempre, o corpo do forno.

O espólio recolhido revelou-se parco, para além do material de construção, fator que alicerça e fortalece a teoria de que se estaria em presença de uma (re) utilização como forno de cal, reforçada pelos vestígios de produção que se mantinham, ao estilo de revestimento interno, encostado e, em simultâneo, acompanhando o desenvolvimento das paredes. De entre os (poucos) artefactos exumados, destaca-se um anel em bronze e exemplares cerâmicos fragmentados de *terra sigillata*, fundo de ânfora e peso de tear. A estrutura era constituída por três partes distintas, correlacionadas entre si: átrio de entrada, corredor de acesso à câmara de combustão e câmara de cozedura.

No desenvolvimento e conseqüente epílogo dos trabalhos de campo, foi possível observar a técnica de edificação adotada, comportando uma primeira fase com afeiçoamento da rocha-base (margas azuis), tornando-a compatível com a planta geral do forno, finda a qual teve início a construção efetiva, adoçada posteriormente à argila. Nas suas diversas partes constituintes identificou-se o recurso a materiais distintos que se adaptam à funcionalidade prevista. Assim, no átrio de entrada que funcionava como *antepara*, protegendo o fogo dos ventos dominantes de Norte, os dois muros paralelos eram levantados em pedra seca, com utilização de blocos de calcário de média e pequena dimensão. O pavimento apresentava uma ligeira camada de cal sobre a marga de base. Ostentava uma planta retangular, com um comprimento mínimo de 2.75m e 1.60m de largura. Na área melhor conservada, o muro exibia 0.65m de espessura e 0.40 m de altura mínima. O corredor de acesso à câmara de cozedura, por se tratar de um espaço abobadado, era o elemento arquitetónico que apresentava preocupações de construção mais elaborada. Predomina o recurso a *lateres*. A argila local foi aproveitada na construção como matéria-prima de agregação. Observou-se, de igual modo, o uso de fragmentos de *imbrices* como cunhas auxiliares na estruturação da abóbada. O comprimento total do corredor era de 1.50m por 0.65m de largura e a altura conservada era de 0.40m.

O piso, constituído pela marga de implantação, apresentava, devido à ação do calor, uma textura *cerâmica*. No centro do corredor, uma concavidade ovalada serviria provavelmente para deposição da lenha, a exemplo do que sucede com os fornos vocacionados para produção oleira. A câmara de cozedura, de planta semioval, foi construída com placas cerâmicas adossadas à marga. As faces externas destas apresentam-se vitrificadas, sinal evidente das altas temperaturas a que foram sujeitas. A base plana aproveita o sedimento geológico existente. Assume uma cor aproximadamente negra e textura cerâmica devido à fonte de calor a que esteve exposta. O comprimento desta câmara registou cerca de 2.90m e 2.55m de largura. A altura máxima conservada era de 0.50m. Em torno da câmara de cozedura e parte do corredor, um anel de argila rubefacta com cerca de 0.20m atestava, convenientemente, as altas temperaturas atingidas.

Os trabalhos arqueológicos revelaram escassez notória no que concerne à exumação de espólio. Maioritariamente composto por objetos cerâmicos, o conjunto revela um contexto cronológico atribuível a período romano. Este reduzido *leque* de informação condiciona o rigoroso balizamento temporal dos achados.

O Forno da Quinta da Granja apresenta características gerais de arquitetura e planimetria que o integrariam, sem hesitação, no conjunto de estruturas de produção cerâmica que laborariam em período de influência romana, com paralelos evidentes em vários pontos do território próximo, embora não exclusivamente circunscrito ou limitado ao âmbito regional específico (Fig. 2). Não obstante, o escasso espólio cerâmico recolhido prejudica e dificulta a aferição rigorosa do contexto que seria lógico

atribuir-se-lhe. As incidências apreendidas no decurso dos trabalhos indiciam um possível aproveitamento e consequente reutilização posterior do monumento de combustão, após limpeza geral do terreno de implantação (o que explicaria a raridade dos materiais periféricos). Conduziria ao levantamento da hipótese que sustenta e defende uma modificação da utilização original, em época cronologicamente indeterminada, remetida para a transformação de cal, elemento com múltiplas aplicações na arte de edificação. O corredor de acesso à câmara de cozedura, regularizado com vários níveis de cal e carvão, exibia piso ovalado destinado, normalmente e à semelhança de idênticos exemplos romanos, à deposição de lenha que, em última fase, parece ter sido colocada e ardido no interior da câmara, em ambiente promíscuo, conjuntamente com a matéria-prima calcária (carga ainda presente no perímetro interno do forno). Estar-se-ia, assim, perante um forno de cerâmica romano transformado em unidade fabril de vocação completamente diferente durante uma época de datação imprecisa. Análises posteriores das várias amostras retiradas (carvões, argilas, cal e elementos constituintes do forno) poderão definir com mais facilidade e certeza toda a evolução de ocupação do espaço. (FIG. 2)

Figura 2
Fase Final dos
Trabalhos
Arqueológicos
Executados no Forno
da Quinta da Granja.

Os trabalhos de Arqueologia executados no âmbito da escavação do Forno Romano da Quinta de Santo António (Fig. 3), situado na Freguesia do Carregado, Concelho de Alenquer, decorreram entre os dias 30 de janeiro e 14 de fevereiro de 2006. O desenvolvimento da fase de construção do sublanço da A10 compreendido entre Arruda dos Vinhos e o IC11 intercetou, no setor intermédio correspondente aos km 4 + 125 e 4 + 250, uma estrutura ocultada pelo tempo e pelas alterações morfológicas da topografia.



A área abrangida pela cartografia geológica onde se insere a estrutura intervencionada divide-se em três zonas morfológicas distintas:

- Um extenso maciço datado do Jurássico Superior que abrange cerca de 60% da área da carta.
- A zona terciária, na parte oriental do mapa, entre Ota, Alenquer, Carregado e Vila Franca de Xira.
- A planície aluvial do Tejo, situada entre Vila Nova da Rainha, Castanheira e Vila Franca de Xira

No extenso maciço Jurássico implantava-se o Forno Romano da Quinta da Granja, situado a cerca de três quilómetros para Sudoeste. Contudo, é na terceira unidade morfológica supra citada (Planície Aluvial do Tejo) que se localiza o Forno da Quinta de Santo António, construído em depósitos de antigos terraços fluviais, mais precisamente nos depósitos da Ribeira de Cadafais, um dos muitos tributários do rio do Tejo. Estes terraços fluviais datados do Plio-Plistocénico estão identificados pela sigla Q na Cartografia Geológica (Carta Geológica n.º 30-D Alenquer – escala 1:50.000), produzida pela Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos Portugueses. Na nota explicativa que a acompanha, vem ainda referido que “ao contrário dos terraços da margem esquerda do Tejo, os da margem direita são pouco desenvolvidos e geralmente muito recortados pela erosão (...) Nas imediações do Carregado os terraços apresentam, na parte superior, um conglomerado com elementos calcários, coberto por argilas de aspeto siltoso”. Na área escavada e espaços contíguos só afloram argilas, de um modo geral com aspeto siltoso e de cor acastanhada, variando zonalmente de textura e coloração. (FIG. 3)

O sítio é referenciado no *Plano Diretor Municipal de Alenquer* como local de dispersão superficial de cerâmica, contextualizável em período romano, embora não se encontrasse qualquer menção a esse respeito na base de dados do *Instituto Português de Arqueologia*. Integra-se, no entanto, num eixo de intensa distribuição de testemunhos de ocupação em



Figura 3
Localização do Forno da Quinta de Santo António (estrato da CMP 390, 1:25.000)

situação relativamente próxima, enquadráveis em época temporalmente similar. Vários pontos foram assinalados durante estudos de impacto e/ou prospeções sistemáticas.

O afloramento de argilas rubefactas e materiais de construção, consequência resultante da ação artificial da maquinaria, aliado à distribuição superficial visível nos terrenos circundantes, permitiu a identificação do forno pelo responsável do acompanhamento de obra, afeto à empresa de Arqueologia *Archeocelis*. A ocorrência motivou a suspensão das movimentações de obra em curso no local e a intervenção do então *Instituto Português de Arqueologia*. Cronologia e tipologia foram imediatamente sugeridas através da associação com o espólio disponível no local. A posterior avaliação da situação definiu, como medida de minimização, a realização de uma escavação de emergência no local.

A estrutura de combustão integrava-se em terrenos pertencentes a um complexo rural em manutenção de atividade, denominado Quinta de Santo António, parcialmente dividido pelo avanço da construção. A intervenção decorreu em lote de terreno expropriado, de vocação agrícola, anteriormente dedicado ao cultivo de vinha, cultura que ainda se observava na envolvente, em parcelas próximas dos edifícios rurais da propriedade e nalguns setores mais afastados, em associação direta com pomar.

Em toda a extensão preservada do terreno, registava-se a dispersão superficial de material cerâmico (de uso comum, de construção, *terra sigillata*, ânfora, etc.). A topografia do terreno, apesar de alterada ao longo dos anos de atividade rural, denuncia a implantação original do forno no topo de pendente sobranceira ao Rio Grande da Pipa, mais propriamente na margem esquerda da linha de água, com entrada confrontando a inclinação natural da vertente. A área de intervenção foi estabelecida com a implantação de uma quadrícula de seis metros de lado (36 m²). O solo encontrava-se nivelado, preparado para a concretização do futuro plano viário.

Apesar das alterações topográficas do terreno provocadas pelas manobras da maquinaria, o revolvimento de sedimentos permitia reconhecer o alinhamento da parede do corredor que concedia acesso ao interior da câmara. No muro Oeste era perceptível a utilização de argamassa como elemento de aglomeração entre tijoleiras/*lateres*. Posterior à extração e limpeza de um primeiro nível de remeximento, orientaram-se esforços para o perímetro mais afetado pela influência direta do forno. Os contornos do monumento ficaram, então, definidos. Perfeitamente reconhecíveis, os muretes da antecâmara assumiam uma orientação aproximadamente Nordeste. À entrada, na parte exterior, amontoado confuso de material cerâmico de construção (tijoleira, tijolo, *tegulae*, outros) e de uso comum (fragmentos de ânfora, *dolium*, *terra sigillata*, jarros trilobados, outros). Primava pela distribuição anárquica e desordenada. Mancha de argila sujeita a temperaturas elevadas confirmava a presença e assinalava o contorno circular da câmara de combustão, ainda sem características arquitetónicas definidas. A primeira conclusão sugeria que o conjunto poderia ter sido escavado na argila de base, à qual terá sido encostada ao corredor formado por paredes de lajes de tijoleira. Este acesso, estreito entre muros argamassados, encontrava-se em aparente bom estado de conservação.

A exumação de sedimentos executada no seu interior, numa primeira fase cingida apenas à sua metade Noroeste, após divisão intencional, permitiu recolher alguma cerâmica, muito fragmentada no primeiro estrato. A argila sobreaquecida acumulava-se sobretudo junto às paredes. No centro, não se vislumbravam sinais evidentes de fogo, sugerindo derrube estrutural lateral, de alcance limitado, sem projeção suficiente para atingir o centro da fornalha. Escasso material foi resgatado (*terra sigillata*, fragmentos de *dolium*,

ânfora, vidro). Rapidamente se alcançou o fundo do recinto. Apresentava perfil côncavo, com alguns aglomerados de argila cozida distribuídos em pequenas concentrações (restos de abóbada, *suspensurae* ou grelha?).

A prossecução dos trabalhos confirmou o contorno circular da planta. Distinguiu-se piso em argila queimada, de tendência retangular, com orientação compatível com a entrada e fornalha (Nordeste). Lateralmente, era visível, como referência, a marcação de estrutura de suporte, atualmente ausente, também em argila, exibindo as mesmas características de sobreaquecimento e provavelmente relacionada com o sistema de suspensuras e grelha.

Iniciou-se, então, a remoção do enchimento da fornalha, opção que permitiu a recolha de elevado volume de espólio, essencialmente anfórico, de armazenamento (*dolium*) e de uso comum. Reconheceram-se indícios de assentamento de lajes exteriores, adossadas às paredes da boca (presença de argamassa e contramoldes de tijoleiras). Parecia tratar-se de um acrescento avançado ou emenda planimétrica e estrutural, hipotética alteração no estreitamento da saída como forma de proteção efetiva aos ventos dominantes.

A ação do fogo e as altas temperaturas alcançadas encontram-se preservadas nas faces das tijoleiras que compunham a entrada da estrutura. O piso encontrava-se endurecido e escurecido pelo sobreaquecimento e pelas cinzas. As paredes assumiam orientação notoriamente assimétrica, em clara tentativa de redução de abertura. A emenda seria posterior à construção original ou, então, uma alteração subsequente ao projeto inicial. Este pormenor é visível através da leitura do perfil deixado pelo corte da rocha, posteriormente preenchido por argamassa e fragmentos de cerâmica de construção (retificações, acrescentos, retalhos?..).

A concentração de material cerâmico encontrava-se limitada ao interior de uma *bolsa*, claramente visível no contacto com o corte do talude Norte, circunscrita por coloração atribuível a alta intensidade térmica. Os sinais de queimadura foram evidentes durante o processo de desmontagem. Estendia-se no sentido do desenvolvimento da boca do forno (sensivelmente Nordeste). Para tal facto, não será indiferente a constante limpeza da zona durante o processo de fabricação. Todas as sobras e vestígios de carvões e cinzas seriam encostados lateralmente, ainda semi-incandescentes, como forma de libertação da entrada. Facilitou, assim, o processo de acumulação de materiais e testemunhos remanescentes de laboração. A recolha de fragmentos de ânforas de tipologia reconhecível possibilitou avançar a proposta de cronologia que centrava o abandono da atividade fabril em inícios do século III d. C.. Identificou-se, ainda, elevado número de *dolium*, *terra sigillata* e cerâmica de uso comum diversa, em concomitância com blocos de argamassa e espólio de construção. O contexto de intervenção caracterizava-se como núcleo de constituição confusa e desordenada, limitado por marcas de queimadura na argila de base, escavada para implantação da estrutura de combustão. Verificou-se um possível e intencional rampeamento e colmatação propositada no acesso à entrada da fornalha. Alguns dos materiais encontravam-se em posicionamento vertical, aparentemente premeditado. Ressalva-se a presença de grandes blocos de calcário, alguns talhados e ainda com argamassa. À medida que se decrescia o nível da escavação, tornava-se ainda mais perceptível o corte efetuado antropicamente. Reconheceu-se, com facilidade, o contorno da vala onde compassadamente foi depositado todo o espólio.

A evidência era notória no corte Norte da sondagem. Com o decorrer dos trabalhos e atendendo à extensão e orientação que exibia, foi necessário prolongar os limites da quadrícula para que pudesse ser acompanhada e estabelecido o momento preciso em que se extinguia definitivamente. O alargamento atingiu uma dimensão de 2,5m x 2,5 m. Os contornos de transição estratigráfica encontravam-se bem marcados. O setor necessitava, no

entanto, de uma limpeza mais cuidadosa. Foram recolhidos os primeiros materiais romanos, semelhantes aos identificados anteriormente (fragmentos de *dolium*, ânfora, *terra sigillata*...). Posteriormente, efetuou-se nova subdivisão, deixando-se, a Norte, uma banqueta com um metro de largura, visto a mancha de ocupação não se prolongar na divisória artificial. Não se verificavam alterações às características de espólio e conjuntura de recolha.

Após reunião final entre representantes do dono-da-obra (BRISA SA), Instituto Português de Arqueologia e da equipa presente no campo, os trabalhos foram dados por concluídos e procedeu-se ao desmonte científico e controlado da construção, tendo-se recolhido amostras de carvões, argilas e elementos constituintes do forno. A estrutura intervencionada apresentava elevado grau de degradação, resultado não apenas da sua antiguidade, mas também do tipo de matéria utilizada na sua edificação. Ostentava técnica construtiva bastante simples, quase elementar, recorrendo, em parte, aos recursos naturais que a região próxima oferece. Os indícios revelados apontam para a produção de cerâmica como função básica.

A desmontagem a que foi sujeito no final dos trabalhos permitiu observar com maior rigor todo o processo arquitetónico adotado. Assim, foi possível apurar que, num primeiro momento, se procedeu à escavação da rocha-base (margas azuis), conferindo-lhe, desde logo, a planta pretendida. Posteriormente, efetuou-se a obra propriamente dita. Na área ocupada pela fornalha, uma camada com cerca de 35 cm de argila esverdeada *fornava* as paredes. O corredor de acesso ao interior ostenta duas paredes paralelas, levantadas com recurso a fiadas sobrepostas de *lateres* argamassados. O espaço sobrance entre as tijoleiras e o primeiro corte planimétrico no estrato argiloso foi colmatado com recurso a fragmentos de *imbrices*, *tegulae* e *dolium*. No prolongamento do corredor, o canal aberto diretamente nas margas azuis serve de “átrio” e, em simultâneo, de antepara aos ventos dominantes. A análise aprofundada da arquitetura funcional do forno permite subdividir a estrutura em quatro espaços diferenciados: fornalha; câmara de cozedura; corredor de acesso à fornalha; átrio do corredor de acesso à fornalha.

O Forno Romano da Quinta de Santo António apresenta características gerais de arquitetura que o tornam passível de inclusão no conjunto de estruturas de produção cerâmica que laborariam em época de domínio de Roma (Fig. 4). Comparativamente ao forno da Quinta da Granja, cuja planta é semelhante, há a registar algumas diferenças, essencialmente centradas no tipo de construção minimalista observada. A antepara (*átrio*) assumiria dupla função; não apenas como acesso rampeado intencionalmente, mas também de proteção da entrada da fornalha, levantada com recurso a pedra. Pode-se procurar explicação na localização e, mais importante, na orientação dos fornos. O exemplar da Granja apresentava o corredor direcionado, em consonância com a encosta, estando deste modo à mercê dos ventos dominantes. Como tal, foi necessário erguer paredes de resguardo mais consistentes. A estrutura localizada na Quinta de Santo António, em situação de confronto ao relevo, assegurava amparo natural, o que não impediu, no entanto, algum reforço, ainda que aparentemente incipiente. (FIG. 4)

A fornalha do primeiro forno escavado encontrava-se fortalecida por tijolos. Conferiam maior robustez ao monumento que, apesar de tudo, sofreu danos de maior porte durante a sua descoberta e identificação. A do segundo foi apenas trabalhada no solo de base e forrada por argila local.

Em relação à funcionalidade, o estabelecido no local da Granja foi utilizado em duas funções distintas. A primeira, motivadora de edificação inicial, não foi possível apurar de



Figura 4
Perspetiva Geral do
Forno da Quinta de
Santo António.

forma consistente, devido à escassez de informação, embora se possa adiantar a hipótese plausível de que, em princípio, se devesse ter vocacionado como pequena unidade de produção de cerâmica. Numa segunda fase de aproveitamento, estaria relacionado com transformação de cal. Neste processo estaria sujeito a fogo direto no interior da câmara, afirmação sustentada pela vitrificação patente nas paredes interiores. O anel de 35cm de largura de argila rubefacta, sobreaquecida, que circunda a estrutura atesta as altas temperaturas atingidas. Este fenómeno não se verifica no paralelo da herdade vizinha.

O Forno Romano da Quinta de Santo António, face aos dados recolhidos, foi construído com a função primordial de fabricação de peças de olaria. A escassa quantidade de indícios revelados no decurso dos trabalhos, não permite uma identificação do tipo de cerâmica produzida nesta estrutura de combustão. No entanto, em virtude da presença significativa de fragmentos pertencentes a *dolium* não é de excluir a possibilidade deste tipo de contentor fazer parte da produção que ali teve lugar.

A presença de cerâmica anfórica é suscetível de relacionamento e integração com as malhas de comércio instituído, uma vez que parte das formas identificadas são atestadamente de origem Bética. O número significativo de fragmentos de *terra sigillata* recolhido, é igualmente prova de saudáveis e intensas trocas comerciais no interior do Império Romano. Estes exemplares de cerâmica considerada *finis* e definidora de *estatuto*, apesar de não constituírem coleção em número assinalável para um normal assentamento deste período, podem ser consideradas relevantes, nomeadamente na sua associação com uma estrutura de combustão que, em condições normais, se estabeleceria algo afastada do núcleo habitacional.

O elevado índice de presença de *dolium*, cerâmica de armazenamento, elevando-se sobre todos os restantes vestígios, ainda mais se comparado com o modesto rol de recolha de testemunhos de loiça de prestígio, comprova o cariz agrícola do sítio.

Apesar da intervenção se ter circunscrito a um setor diminuto e específico, é legítimo relacionar o aproveitamento fabril com um foco de ocupação mais amplo, inserido em âmbito de vivência rural e habitacional autónoma e, de certa forma, independente, próprio de qualquer *villa* romana. Assim, partindo de uma base de observação estritamente analítica, não corroborada até ao momento por provas físicas consistentes, poder-se-ia adiantar a hipotética localização do núcleo habitacional principal no lugar atualmente ocupado pelos edifícios da Quinta de Santo António. Através dos dados arqueológicos disponibilizados, é visível a grande importância que o Rio Grande da Pipa terá desempenhado como caminho de penetração para o interior da região. A cronologia, com base na análise das cerâmicas exumadas, em especial de ânforas e *sigillatas*, aponta para o início do século III como provável fase de abandono.

As intervenções arqueológicas de emergência foram executadas por EMERITA – Empresa Portuguesa de Arqueologia, contratada para o efeito pelo dono-da-obra, BRISA, SA.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1988)** – *O Domínio Romano em Portugal*. 2ª Ed.. Pub. Europa-América. Lisboa.
- ALARCÃO, J. de (1988)** – *Roman Portugal*. Vol. II. Fasc. 1 (Porto, Bragança & Viseu). Aris & Phillips LTD. Warminster. England.
- CHOFFAT, P. (1901)** – *Notice Préliminaire sur la Limite entre le Jurassique et le Crétacique en Portugal*. Bull. Soc. Belge Geol. Pal. Hydrol., T. XV, p. 111-140.
- CHOFFAT, P. (1951)** – *Planches et Coupes Géologiques de la Région Éruptive au Nord du Tage*. Coordenado e apresentado postumamente por A. de Castello Branco. Mem. Serv. Geol. Portugal.
- FILIPPE, Graça e RAPOSO, Jorge (coord.) (1996)** – *Ocupação Romana nos Estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal. Publicações D. Quixote. Lisboa.
- MANTAS, V. G. (1986)** – Incrições Romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. Vol 21, p. 5-100.
- MELO, A., GUAPO, A., MARTINS, J. E. (1989)** – *Freguesia de Cadafais. O Concelho de Alenquer. Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*.
- PARREIRA, R. (1986)** – *Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira – Notícia da Parcela 404-1*. In: Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 2. Vila Franca de Xira, p. 73-81.
- PARREIRA, R. (1988)** – *Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira – Notícia da Parcela 390-6*. In: Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 3. Vila Franca de Xira, p. 95-106.
- RAPOSO, J. (1990)** – *Porto dos Cacôs: uma oficina de produção de ânforas romana no Vale do Tejo. Ânforas Lusitanas: Tipologia, Produção, Comércio*. Atas das Jornadas de Estudo. Coimbra, Museu Monográfico de Conimbriga e Mission Archéologique Française au Portugal, p. 117-151.
- ZBYSZESKI, G., TORRE de A. (1965)** – *Carta geológica de Portugal* na escala de 1/50.000. Notícia Explicativa da folha 30-D – Alenquer. Serv. Geol. Portugal, Lisboa.

NOTAS

- 1 Arqueólogo. Falecido.
- 2 Arqueólogo (fjroblesh@hotmail.com)
- 3 Assistente de Arqueólogo (emanuelscarvalho@gmail.com)
- 4 Engenheiro Geólogo (geoadri@gmail.com)